

A IDENTIDADE E A DEVOÇÃO A SANTOS REIS: a comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO)

JULIANA MARTINS SILVA*

O presente artigo procura aprofundar a discussão acerca das relações de identidade e de experiência estabelecidas durante a Festa em homenagem a Santos Reis realizada na comunidade Cruzeiro dos Martírios, localizada no interior do município de Catalão, estado de Goiás. Uma manifestação de cunho popular que funciona como um meio de preservação da memória coletiva e da tradição da localidade, onde possibilita que a identidade de cada sujeito se construa/reconstrua intermediada pela cultura popular. Portanto, a Festa em questão se torna muitas das vezes um lugar profícuo para o compartilhamento de experiências, levando assim a um sentimento de identidade calcado não somente no campo histórico, do real, mas sobretudo, no campo simbólico.

Ao analisar alguns aspectos históricos relevantes sobre a Festa de Santos Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios é possível colocar em questão a continuidade imutável, acerca da constituição da identidade dos indivíduos que compõem essa tradição. Esse festejo, realizado anualmente na comunidade, acontece na região há décadas, e passou a ser concentrada na sede da Comunidade a cerca de 20 anos atrás, quando deixou de ser realizada nas casas dos moradores e passou a ser realizado na quadra do Centro Comunitário São Sebastião. Contudo, ao longo desse período por conta de um incidente que resultou em uma morte a festa deixou de ser realizada entre os anos de 2005 a 2008. Esses e outros motivos, geraram transições e mudanças tanto no espaço festivo, como também no campo simbólico e de representações que se recriaram ao longo do tempo.

Contudo, um dos fatores preponderantes nesse ao se pensar a Folia de Reis da Comunidade, se refere a evitar a unicidade de considerações, ter clareza que as palavras “moradores” e “devotos” alguns dos termos usados neste artigo para se referir os membros da Comunidade Cruzeiro dos Martírios e participantes da Festa da de Reis; não reúne e nem define todas as diversidades ali presentes. Sendo que, considerar a construção da identidade desses “moradores”, a partir do conceito experiência pressupõe que ao analisar sobre suas

*Mestranda da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no Programa de Pós-Graduação em História Social/ Bolsista FAPEMIG.

vivências deve-se considerar a variedade e a multiplicidade presente dentro de sua organização comunitária.

Para Sott (1998) o problema de se escrever a história é que muitas vezes a diferença é deixada de lado, isto é, a história da designação do outro, da atribuição de características que distinguem categorias de pessoas a partir de uma norma presumida. Desse modo, as documentações em relação sobre certas instituições não buscam descrever suas variedade e multiplicidade. O termo instituição aqui referido, não se refere às oficializadas, mas sim, aquelas “inventadas para acomodar algumas práticas” essas, embora, não sejam reconhecidas não são invisíveis, mas em muitas vezes sua visibilidade pode ameaçar a ordem imposta.

Portanto, quando nos referimos à experiência, não devemos cometer o equívoco de essencializar a identidade ou retificar o sujeito. Uma vez que, a maioria dos estudos mais recentes tem demonstrado que as mentalidades coletivas sofrem forte influência de comportamentos individuais e são até mesmo influenciados pelo inconsciente, o pensamento e a ação humana. Para Williams (1983, apud SCOTT, 1998, p. 126-127) a “experiência” pode ser concebida de maneiras distintas seja como interna ou como externa, subjetiva ou objetiva. Quando é definida como interna, é expressão de um ser ou consciência individual; quando externa, é o material sobre o qual a consciência atua. Falar sobre experiência dessa forma nos leva a tornar como visível a existência de indivíduos (experiência é algo que as pessoas têm) mais do que perguntar como conceitos de individualidade (de sujeitos e suas identidades) são produzidos.

Já em relação ao conceito de “identidade”, Hall (2011) destaca como sendo demasiadamente complexo. Em seu livro *A Identidade Cultural na pós-modernidade*, Hall (2011) assinala que muitos teóricos acreditam que as identidades modernas estão em colapso, uma vez que, um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Transformação essa que, estaria levando a uma “Crise de Identidade”, nessa concepção o sujeito, que antes vivia com uma suposta identidade unificada e estável, passaria a fazer uso se uma “nova identidade” fragmentada e composta não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Essa crise se dá como resultado do paradigma pós-moderno, contextualizado pelas transformações estimuladas pelo processo mundial da globalização. Pois ao considerar um mundo onde as antigas fronteiras e continuidades passaram a ser rompidas, no mesmo

momento em que as velhas hierarquias que ditavam a identidade humana foram postas a prova. A continuidade e historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. Fazendo surgir assim novas e variadas identidades (HALL, 2011, p. 84).

Nesta perspectiva, é interessante pensar nas características que definem o posicionamento da festa frente às novas realidades, em um primeiro momento se pode observar a criação de novos espaços que de uma ou de outra forma ajudam a manter a tradição atraindo a participação dos sujeitos, pois se ficassem atreladas a regras fixas estariam se distanciando dos seus participantes.

Pois, ao longo desse período essa Tradição passou por várias “reinterpretações” e foi sendo reinventada pelos moradores da comunidade, demonstrando de forma clara a mobilidade da cultura. A transitoriedade dos festejos frente aos novos contextos pode ser explicada ao se considerar os termos tradição/festas como práticas não permanentes e nem imutáveis. Entretanto, além dessa mobilidade cultural é essencial que se pense também na mobilidade na identidade dos sujeitos que compõem essa manifestação popular.

Para Hall (2011) as identidades precisam ser consideradas como uma construção histórica, tendo como referenciais os aspectos objetivos e subjetivos. As identidades não devem ser vistas como algo imutável, invariável ao longo do tempo. As identidades são construídas, desconstruídas e reconstruídas no tempo, ou melhor, através do tempo. Nessa perspectiva, sofrem alterações no tempo histórico, no mesmo e em diferentes lugares, de maneira relacional. Assim, a identidade necessita ser entendida não somente como um estado, mas também e, sobretudo, como processo dinâmico de identificação e de reconhecimento com outro (HALL, 2011, p. 11).

A partir de esse ponto a identidade não deve ser vista como algo natural, mas sim como simbiose de diversas experiências, como define Scott.

Experiência é o processo pelo qual a subjetividade é construída para todos seres sociais. Através desse processo uma pessoa se coloca ou é colocada na realidade social e, assim, percebe e compreende como subjetivas (referindo-se e originando-se em si mesmas) essas relações – materiais, econômicas e interpessoais – que são de fato sociais e, numa perspectiva mais ampla, históricas (SCOTT, 1998, p. 307).

Sendo assim, ao longo da vida uma pessoa pode adquirir ou até mesmo perder características que ajudam na formação de sua identidade. O sujeito não nasce com uma identidade pronta e acabada que ele levará para o resto da vida; pelo contrário, ele a construindo a partir de heranças, vivências, gestos, necessidades aprendizagens etc. que produzem e renovam sua identidade, ocasionando assim, uma sucessão de “novas identidades”.

Entretanto, é importante ressaltar que essas “novas identidades” não destroem nem apagam as mais antigas. De acordo com Hall (2011) as culturas muitas vezes são tentadas a se voltar para o passado, a recuar de forma defensiva no tempo, em outras palavras, são tentadas a restaurar as identidades passadas. Frequentemente esse retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” contra a ameaça imediata da perda de identidade. Essa mobilização pode ser caracterizada pelo desejo de constituição de uma “comunidade imaginada”, onde é possível retomar memórias do passado, necessidades de viver em conjunto e a perpetuação da herança.

De acordo com Hall (2011) as identidades giram em torno do que se chama “Tradição”, esta a partir da definição de Robins, tenta recuperar a pureza de tempos passados que são sentidas como perdidas. No entanto, ainda há aquelas identidades que estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez como já foram um dia. Sendo que, as pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou a ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza “cultural”. Pois, elas estão irrevogavelmente traduzidas.

Contudo, o surgimento dessas “novas identidades” não pode ser considerado como algo inevitável ou determinado, que sempre esteve lá esperando para ser representado, muito menos algo que sempre irá existir na forma que lhe foi dada em um movimento político específico ou em um momento histórico particular. Sendo que, tratar e emergência de uma de uma nova identidade como um evento discursivo não significa introduzir uma nova forma de determinismo ou destituir sujeitos de sua capacidade de agenciamento (SCOTT, 1998, p. 319).

Neste contexto, de desintegração das identidades, resultante do crescimento da homogeneização cultural e do pós-modernismo; os festejos em homenagem Santos Reis na

Comunidade Cruzeiro dos Martírios atravessa um processo vivenciado também por outras comunidades do município de Catalão. Pois as festas em homenagem a santo nessa região passaram a serem designadas como “festas de roça”, essas festas que anteriormente tinham como objetivo primordial louvar o santo devoto passou a ter uma função de espetáculo, misturando lazer, dança e diversão. Hoje, carecem de autorização policial e bênção da Igreja Católica figurada em algumas participações de seus representantes oficiais (padres ou ministros) e devem ter, obrigatoriamente, animação com bandas musicais, leilões, danças e até estacionamentos (PAULA, 2008, p. 265).

Provavelmente, com essas reformulações os organizadores procuram uma maneira de dar continuidade a essas tradições, buscando resgatar nestas festas pessoas que viveram muito tempo nas roças e foram para as cidades e também divulgar suas tradições para aqueles que não as conhecem. Porém, essa “transmissão” da cultura não ocorre de forma sistematizada ou simplificada. Uma vez que, que esse processo gera um processo imperativo de autointerpretação, baseada no conceito de “tradução”.

Para Hall (2011) a “Tradução” pode contribuir para a compreensão da formação de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Mas que, ainda retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Pois elas são obrigadas a negociar com novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. A diferença é que elas nunca serão unificadas no velho sentido; por que elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas.

Para Marques (2010) todas as transformações observadas nas festividades rurais são facilmente compreendidas se considerarmos a modernização dos meios de comunicação e transporte, que modificou os hábitos de boa parte das populações rurais, inclusive no que se refere às manifestações populares, pois se viram instigadas a acompanhar o movimento e as transformações sociais. Para tal finalidade as festas se modificaram e se reestruturaram, não se trata de desintegrar uma tradição e criar outra, se trata devidamente de uma recriação, já que para acompanhar as modificações técnicas e sociais é necessário que as manifestações populares se reinventem. E dessa maneira é possível que esses festejos populares permaneçam vivos na memória das comunidades rurais.

Ainda, de acordo, com Marques (2010) um forte componente para esse processo é o “capital”, que tem se apropriado das festas religiosas, às transformando em espetáculos, fato observado em diversas manifestações populares. No entanto, a população sempre reinventará e criará alternativas originais frente à perda de suas práticas culturais, mesmo que estas alternativas não sejam planejadas e propositais. E mesmo que houvesse um desejo dos moradores, principalmente aqueles mais antigos, em manter as velhas tradições o que se percebe é que essa “cultura popular” pouco a pouco vai se modificando, pois se ainda fosse mantida nos moldes tradicionais rústicos se tornaria inadequado às novas realidades sociais.

Considerando a formação identitária dos sujeitos inseridos na tradição da Folia de Reis, nos remetemos ao conceito de religiosidade, esta em suas várias manifestações deve ser considerada como uma das dimensões construtoras de identidade. Dentre as manifestações da religiosidade popular nessas comunidades pode-se destacar a forte devoção aos santos católicos e a reunião dos moradores em momentos específicos para celebrarem seus padroeiros, transformando-se em eventos como os terços e as festas. As expressões da religiosidade fazem parte do cotidiano dos moradores, pois envolvem além da crença, um conjunto de práticas comportamentais. Nota-se que os moradores católicos das comunidades têm como ponto crucial o culto aos santos, mesmo sendo cultuados de formas e manifestações diferenciadas. Embora, como já foi pontuado logo acima, essas manifestações, tanto em uma como em outra localidade, tem deslocado sistematicamente o objetivo de suas práticas.

O conceito de religiosidade se torna importante também no que tange as mudanças de perspectiva observadas acima, sobre as festas religiosas. Que nos últimos tempos passaram a atuar como um fenômeno cultural e têm sido redescobertas e revitalizadas como um campo fértil de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e experiências, revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao sujeito experimentar afetos e emoções. Caracterizam-se como um momento do cotidiano marcado pelas intensidades e complexidades das relações ali expressas através de símbolos e ritos peculiares.

A visibilidade da experiência citada acima, se torna evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo. O projeto

de tornar a experiência visível impede o exame crítico do funcionamento do sistema ideológico em si, suas categorias de representação (como identidades fixas e imutáveis) suas premissas sobre o que essas categorias significam e como elas operam, e de suas ideias de sujeito, origem e causa (SCOTT, 1998, p. 302).

Em outras palavras, o modo como as novas gerações tem se identificado com essas celebrações aos santos, é incontestavelmente diferente do modo que seus antepassados participavam ou se viam inseridos na “mesma”. Atualmente a Festa tem sentidos diferentes e outras formas de socialização, pois se antes as comemorações a santos eram basicamente formas de agradecimento e de pagamento de promessas, passa a partir das últimas décadas a se manifestar como uma maneira de coesão e sociabilidade da comunidade, atendendo mais ao entretenimento do que a homenagem ao santo.

Nas suas formas de sociabilidade a festa contribui para a formação de identidade dos moradores da comunidade Cruzeiro dos Martírios, pois é um espaço simbólico de interação e integração, entre os diferentes que dela participam, é um ambiente que conta com associação de vários elementos incorporados de outras culturas ou reinventados no interior de sua própria tradição.

Essas festas também passaram a contar com a participação de público externo a comunidade, seja de localidades vizinhas ou até mesmo das cidades. Um processo que pode ser compreendido a partir da modernização dos meios de transporte que encurtaram as distâncias, ocasionalmente aproximando culturas e tradições diferentes. O que é definido por Hall (2011) como um processo de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural.

Outro fator circunstancial para este estudo se dá ao analisar o “devoto” como sujeito pós-moderno, considera-se a sua identidade não como um ponto fixo, essencial ou permanente ao longo da sua vida. Mas, como uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Neste aspecto Stuart Hall (2011) e Joan Scott (1998) partilham da mesma concepção, pois acreditam ser um equívoco afirmar que possuímos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte.

Segundo Hall (2011) a conformidade subjetiva e as “necessidades” da cultura estão entrando em colapso. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em

nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Dessa maneira, o sujeito pós-moderno é conceitualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A partir de então, a identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O que ocorre de fato é que se a modernidade serviu para a descentralização do sujeito e das suas identidades, em muitas comunidades rurais esse processo ainda não foi concluído, ou seja, nesses pequenos espaços ao qual definimos aqui como comunidades, as tradições ainda são ou tentam ser de alguma maneira “leal” a região, a religião e as heranças. A sua transferência para uma cultura mais ampla e pluralizada esta se dando somente agora. Neste caso, nos apropriando do termo foucaultiano, a religião nesse espaço de devoção ainda funciona como um “poder disciplinar” (HALL, 2011, p. 43). Considerando obviamente a participação efetiva da instituição católica nesses eventos principalmente nos últimos anos onde sua participação foi oficializada.

Porém, mesmo que atualmente haja uma participação de um membro institucional, esse fator não é o suficiente para criar uma regra fixa sobre a Festa de Santos Reis, muito menos evitar que os seus “devotos” não criem maneiras próprias de vivenciar sua fé, maneiras essas que, muitas vezes ainda caminham em oposto àquela estabelecida pelo catolicismo oficial. Essa “quebra da ordem estabelecida” contribui de diversas maneiras para constituição da Festa, mas sobretudo, para o processo de “descentração”, onde o sujeito previamente vivido não se prende a uma identidade unificada e estável. O que contribui de forma decisiva para a diversidade do grupo ao qual ele faz parte.

Portanto, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Sendo assim, a identidade não deve ser definida biologicamente, mas historicamente. Para Hall (2011), dentro do indivíduo há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que essas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Hall (2011) ressalta, ainda, que:

As identidades devem ser consideradas como algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2011, p. 38).

Dessa forma, para o autor, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deve-se falar de identificação, e vê-la como um processo em construção. A identidade surge não tanto da plenitude que já está dentro dos indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Os sujeitos buscam a identidade e constroem suas histórias de vida.

Partindo desse pressuposto, levaremos em consideração a partir desse momento algumas características históricas e contextuais que permeiam a Festa de Santos Reis na comunidade Cruzeiro dos Martírios, observando logicamente como a constituição da identidade dos moradores da comunidade se dá através da “herança local”.

Em relação à comunidade, não é possível estabelecer de forma contundente o período em que a Comunidade foi constituída. No entanto o que se sabe é que a comunidade recebeu o nome “Martírios” devido ao Ribeirão que cruza parte do seu território, posteriormente o nome recebeu o acréscimo de “Cruzeiro”, devido aos Cruzeiros erguidos próximos ao centro comunitário e ao cemitério da comunidade. Assim constata-se logo de início a predominância da devoção católica no momento de constituição da comunidade.

A constituição da história da comunidade em estudo, torna-se relevante para que se possa compreender a organização dos moradores na construção de sua identidade. Sendo uma história vivida e narrada por quem vivenciou todos os fatos e acontecimentos, em um universo de vida marcada pelas relações de parentesco, memórias e experiências, com uma cultura carregada por eventos próprios que contribuem para a constituição de suas identidades.

No momento não buscarei me aprofundar no termo “comunidade”, mas é preciso que se tenha claro que a identidade dos moradores está intimamente ligada á comunidade que fazem parte. Desse modo, se torna fundamental considerar que o conceito de comunidade é compreendido como um fenômeno histórico e social, que assume diferentes significados no tempo e no espaço. Para Martins Silva (2011), as reflexões sobre formação comunitária é repleta de possibilidades de definições pautadas em diferentes referências como cultura, interesses, organização social e política, valores em comum, sentimento comunitário e etnia.

Até a década de 1990 os moradores da comunidade Cruzeiro dos Martírios eram todos católicos, o que explicava a organização das tradicionais festas religiosas no decorrer do ano. As famílias organizavam as festas em homenagem aos Santos Reis (06 de janeiro), São

Sebastião (20 de janeiro), Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e Nossa Senhora da Abadia (15 de agosto). Essas festividades permitiam aos moradores a oportunidade de se reunirem e rezarem o terço (reza típica da religião Católica, que é composto pelas seguintes orações: Credo, Pai-Nosso, Ave-Marias, Glória, 1º e 2º Mistérios e Salve Rainha) para os santos e se divertirem juntamente com parentes e amigos da região.

Atualmente, na comunidade Martírios esses terços reúnem poucas pessoas. Outra dificuldade é em relação aos rezadores, alguns tornaram-se evangélicos, outros faleceram e alguns mudaram para a cidade, principalmente, para Catalão. Hoje os terços são realizados por mulheres que buscam preservar essa tradição. A dificuldade em relação ao grupo de rezadores se repete em relação ao grupo de foliões que prestam as homenagens aos três Reis Magos. Pois, a comunidade nunca teve uma Folia própria, os foliões mais antigos eram membros da Comunidade Cubatão, vizinha à Cruzeiro dos Martírios. Alguns moradores acreditam que essa festa foi apropriada da Comunidade Cubatão, fato que teria se dado da seguinte forma: alguém teria pegado o “Ramo” (que são flores que simbolizam a promessa feita ao santo). Mas, depois da realização da festa e da promessa cumprida ao invés de retornar com esse “Ramo de Flores” para a sua comunidade de origem, no caso a Comunidade Cubatão, o deixou na Comunidade Cruzeiro dos Martírios.

Mas o fato é que, mesmo a Festa tendo sido apropriada da Comunidade vizinha e seus Foliões serem dessa comunidade, eles ainda assim, eram personagens conhecidas dos moradores do “Cruzeiro”, pois cada um já tinha sua função estabelecida e uma forma própria de conduzir a companhia de foliões. Entretanto, a partir do momento que essa folia foi desfeita a solução encontrada pelos “festeiros” foi contratar folias de outras localidades. Essa “comercialização” desagradou principalmente aos moradores mais antigos. Na festa realizada durante esse ano (2012) foi contratada uma Folia de Paracatu (MG) e a principal queixa que se ouvia era referente à falta de Palhaços para animar a Folia, e a falta dos Arcos, pois a folia paracatuense não tem a prática de passar pelos três arcos.

Todos esses problemas são derivados em parte pela falta de interesse dos mais jovens em dar continuidade ou de aprenderem como se canta o terço, ou como se conduz uma Folia. Por isso durante os dias de terço e até mesmo durante a festa, paralelamente, são realizados torneios de futebol no campo em frente à igreja, o que contribui para atrair atenção dos jovens, filhos dos produtores.

A tentativa de atrair a atenção dos mais jovens para participação das práticas culturais da comunidade tem refletido um desejo de fortalecer a tradição “local” chamando a atenção dos mais jovens. Uma busca pela manutenção das identidades assim como foram herdadas, a transmissão nesse caso deveria se dar da maneira mais pura possível, mas esse processo é dificultado, pois muitas vezes essa pureza passada já foi perdida.

É inevitável evitar os cruzamentos e as misturas culturais, essas que são cada vez mais comuns no mundo globalizado. Em toda parte, está em emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições. Estas retiram seus recursos, de diferentes tradições culturais, o que resulta em complicados cruzamentos. A partir de então, as identidades “locais” deixam de ser fixas e atreladas ao território e passam a ser híbridas (HALL, 2011, p.90).

Não será possível aqui, aprofundar sobre os aspectos materiais e imateriais da comunidade Cruzeiro dos Martírios, mas fazendo uma breve análise sobre as moradias da comunidade podemos compreender a “descontinuidade” no processo de constituição da identidade dos moradores. Anteriormente devido a quantidade de filhos havia a necessidade das casas serem maiores, com janelas tradicionalmente de madeira, o que permitia uma boa ventilação, o piso era de chão batido. As casas eram divididas da seguinte maneira: sala de visita, quartos, varanda na saída da sala, cozinha e dispensa. Sendo que algumas residências apresentavam paiol, que serviam de depósito para carnes de porco em conserva na manteiga ou para carnes de sol salgadas, que eram guardadas em caixotes, uma espécie de caixa de madeira destinada a embalagem (MARTINS SILVA, 2011, p83).

Essas casas muitas das vezes eram construídas com adobe, que é pequeno bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol, sempre confeccionadas durante a lua minguante, pois assim acreditavam aumentar sua durabilidade e sua resistência. Nessa época, o Sol e a Lua eram critérios básicos para determinar o período das plantações, criações, retirada da madeira, matanças de animais entre outras práticas.

Algumas construções eram feitas com madeira roliça, geralmente de aroeira, garapa, angico, vinhático, e ipê/aico, a madeira das paredes eram amarradas com o cipó do brejo (timbé) e com embira de óleo, e o telhado era feito com a palha de buriti. A iluminação dessas casas era feita sempre por candeia de ferro ou por lamparina para os mais ricos. O trabalho até alguns anos atrás era dividido da seguinte forma: os pais cuidavam do gado, do plantio e do

cultivo. As mães eram responsáveis pelas atividades domésticas e outros serviços, como fabricação da farinha de mandioca e do polvilho, moagem da cana e manutenção da horta (MARTINS SILVA, 2011, p 81)

Contudo, esse cenário mudou de forma considerável, a importância dessa mudança no que tange a identidade dos moradores é vista a partir das “paisagens” e das características que foram sendo atribuídas ou até mesmo aquelas que deixaram de existir, em outras palavras, como a transformação da paisagem local foi contribuindo para a formação de novas e diferenciadas identidades. Essa pode ser considerada a importância do lugar e do espaço, definida da seguinte maneira por Hall.

O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas [...] Os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”. Entretanto, o espaço pode se “cruzado” num piscar de olhos (HALL, 2011, p. 72-73).

O lugar, nesta perspectiva permanece fixo e imutável, onde o sujeito estabelece seus laços de parentesco, de pertencimento e se enraíza. No entanto, nesse lugar existe o espaço, este pode passar por indeterminadas modificações, sejam elas físicas, estruturais e visuais. Consideremos aqui como mudança espacial, a construção de novas moradias na comunidade e novas formas de estrutura familiar. Além dessas podemos citar ainda a construção oficial da própria Igreja Católica e de Igrejas de cunho protestante, que são elas: Igreja Pentecostal Deus é Amor; Igreja Metodista e Igreja Mundial. Muitos moradores da comunidade tem se convertido, fazendo com que hoje a porcentagem evangélica seja maior do que a Católica. Dado interessante, ao considerar que em outras comunidades do município de Catalão a totalidade ou a quase totalidade se considera católica, onde as igrejas protestantes não conseguem abertura para sua doutrina.

Se anteriormente a religiosidade foi definida como fator decisivo na constituição de uma identidade, pode-se considerar então, que as conversões, muitas delas ocorridas a partir da metade da década de 1990, foi uma guinada brusca na forma com que os moradores estavam acostumados a lidar com a herança religiosa e cultural. A partir desse momento

começou a serem traçadas novas práticas e experiências até então desconhecidas para muitos, o que conseqüentemente levou a uma diversidade visível, sobretudo, na identidade de cada um dos moradores. Pois, a partir desse momento deixou de haver naquele espaço um elo que ligasse todos os moradores, este antes era exercido pela religião, onde todos comungavam da mesma.

Em relação às “identidades” existentes na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, pode-se concluir que os “devotos” possuem uma identidade “local” peculiar, baseados em valores, tradições, religiosidade, festividade, vizinhança e parentesco. Sendo necessário, portanto, visualizar a Folia de Reis não com um olhar homogenizador dessa prática cultural, pois ela não uma totalidade multifacetada, embora contenha em si própria a uma ampla diversidade.

O conceito identidade analisado a partir do termo “experiência”, nos possibilita observar realidades vividas da vida social, especialmente os domínios afetivos da família e da religião, e as dimensões simbólicas de expressão. Scott (1998) a partir das definições de Thompson define que as pessoas não experimentam suas próprias experiências apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, afirma “elas também experimentam sua experiência como sentimento”. Os sentimentos, insiste Thompson, são “manipulados” culturalmente como “normas, obrigações familiares e de parentesco e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas crenças religiosas”.

Por fim, consideramos que o sujeito não é unificado e nem autônomo, mas, ao contrário são sujeitos cujo agenciamento é criado através de situações e posições que lhes são conferidas. Todas as transformações espaciais e culturais exercem influencia de forma direta ou indireta nas suas práticas. A identidade neste contexto, passa pela consideração de uma herança e pela preservação de um patrimônio sociohistórico, ancorados na capacidade de recordar, preservar e perpetuar um passado que faz parte de um sentimento identitário, este último encontra um local de expressão privilegiada nos “lugares de memória”. Essas práticas são parte integrante do “local” simbólico pela qual os grupos afirmam e reivindicam sua identidade cultural e política em relação com o seu lugar próprio.

Quanto a Folia de Reis, o que se observa são as transformações desenvolvidas a partir da compreensão do espaço-tempo, pois a aceleração dos processos globais, encurtou as distâncias, dando a impressão que o mundo é menor. Os eventos em um determinado lugar

têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância. Entretanto, os estudos sobre as Festas em homenagem a Santos Reis possibilita analisar, sobretudo, práticas vivenciadas e produzidas por um dado grupo social, podendo definir a composição ou estrutura do lugar onde esta abrigada. As festas podem ser interpretadas a partir de um universo de sentidos, que se distanciam de modelos conceituais, mas se aproximam das opiniões simbólicas de uma coletividade. Sob este aspecto, a identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas que vão se modificando ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HARVEY, David. **A experiência do espaço e do tempo**. In: HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARQUES, Luana Moreira. As festas de santos reis como práticas populares brasileiras no tempo e no espaço: algumas considerações sobre a festa de Martinésia/MG. **Anais XVI Encontro nacional dos Geógrafos**. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de diálogos e práticas. Porto Alegre/RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3 Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=632 Acesso em 25 de julho de 2011.

MARTINS SILVA, Juniele. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 171 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. In: **Dossiê História e Sensibilidades** v. 8, n. 11. ISSN: 1519-3276 2008

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

15

SCOTT, Joan. A invisibilidade de experiência. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, n.16, fev.1998, p.297-325